ASPECTOS DA EXPRESSÃO DAS ARTES CÔMICAS DA ERA CLÁSSICA

Fabio Mourilhe

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo avaliar a relação existente entre as artes cômicas, anteriores aos quadrinhos, realizadas na era clássica (entre os séculos XVII e XVIII) de modo a verificar a influencia desta era sobre estas artes. Aqui, são comparadas as linguagens características desta era clássica (e também certos aspectos do renascimento e era moderna) conforme a descrição apresentada por Foucault em "Palavras e as coisas" e a prática apresentada nas artes cômicas da mesma época. Verificou-se na linguagem destas artes cômicas, de uma forma geral, uma estrutura muito mais aberta em relação àquela utilizada na era clássica, em função da preponderância de uma imagem pautada pela representação grotesca.

Palavras-chave: Artes cômicas. Era clássica. Gramática. Epistemologia.

ABSTRACT

This study aims to evaluate the relationship between the comic arts, prior to comics, performed in the classical era (between the seventeenth and eighteenth centuries) in order to check the presence of this era over this kind of art. Here, the languages that characterize this classic era (and also some aspects of the Renaissance and the modern era) are compared, according to the description presented by Foucault in "*The Order of Things: An Archaeology of the Human Sciences"* and the practice perceived in the comic arts of this classical era. It was found in the language of these comic arts, in general, a much more outgoing structure compared to that used in the classic age, due to the preponderance of the grotesque representation in its image.

Key-words: Comic arts. Classical era. Grammar. Epistemology**.**

1.Introdução

Este trabalho surgiu a partir da necessidade de avaliação das artes cômicas da era clássica, como expressão própria decorrente de uma pragmática que as caracteriza e que vai além de um modelo linguístico e de uma gramática.

A partir da delimitação desta expressão, coloca-se em questão se uma determinação histórica das práticas epistemológicas que caracterizaram a era clássica poderia ser sentida na prática das artes cômicas caracterizadas pelo grotesco, sátira e deboche.

Temos aqui como hipótese que "as artes cômicas da era clássica se desdobram

sem uma ordem prevista de antemão graças ao privilegio de uma critica social e política e uma estética grotesca".

2.Linguagem da era clássica e artes cômicas

A linguagem da era clássica (séculos XVII e XVIII) apresentava uma ênfase na soberania das palavras, representações soberanas na representação do pensamento e na representação de si mesmo (linguagem e palavra), se desdobrando e se refletindo em outras representações equivalentes, um processo interno de onde emergia o sentido. Temos, então, uma linguagem em que a representação se estabelece consigo mesma e com o pensamento (Foucault, 1966, pp.107-108).

Na linguagem das artes cômicas – composições gráficas e textuais, sequenciais ou não da era clássica, com os originais gravados em chapas de metal, coletados em álbuns ou distribuídos individualmente, com extrema popularidade – temos características próprias que transcendem a formatação organizada da linguagem da época com composições através de imagens (sem a estruturação exclusiva da representação linguística), que junto ao uso de palavras que repetem a ação das imagens ou as comentam, ou seja, o que se estabelece consigo na linguagem das artes cômicas faz parte de uma linguagem com uma estrutura muito mais aberta do que aquela vigente na linguagem utilizada na gramática clássica (tal qual se estabeleceu com a ordenação e estruturação das palavras), sem convenções estritas de como se deve desenhar (excetuando a teoria apresentada por Hogarth (1753)), com expressões equivalentes de sentido através de imagens inspiradas no grotesco (principalmente advindos de Bosch e Brueghel) ou em alegorias, podendo apontar para uma multiplicidade de direções. Apresenta-se o pensamento não através de uma simples palavra, mas de jogos entre imagens e palavras que se articulam mutuamente.

De forma diferente da era clássica, a linguagem no renascimento (século XVI) estava restrita a uma erudição de poucos, que comentavam (postura de eterno comentário), em espaço igualmente restrito (manuscritos e folhas de livros) com siglas e marcas indecifráveis para a maioria. Estes sinais estavam misturados a todas as coisas. "O enigma de uma palavra que uma segunda linguagem deve interpretar" (Foucault, 1966, pp.108-109).

Esta linguagem do renascimento de certa forma se manteve na linguagem das

artes cômicas da era clássica, tanto pela semelhança de sua composição, com imagens e texto, como por seu caráter enigmático e restrito a poucos (principalmente em Arcimboldo (Figura 1)), na medida em que nas artes cômicas criticavam não só a si mesmos, mas principalmente a sociedade, realeza e os costumes; críticas nem sempre compreendidas.

Figura 1- Primavera, casa do amor – Arcimboldo.

Com as artes cômicas da era clássica, conforme visto, o caráter enigmático não é retirado das palavras, em expressões com palavras e desenhos que se desenvolvem nos signos verbais e visuais. Porém, de forma semelhante à gramática imposta pela era clássica, os signos textuais desdobram a linguagem em uma ordem visível e um caráter exotérico (destinado a um grande público) é mantido em seu discurso. Tendo o discurso como objeto da linguagem, trata-se de saber como o discurso das artes cômicas funciona, o que é designado, quais elementos são recortados. Aqui, temos um panorama político específico com um discurso que, considerando as imagens, não estava preso aos limites de análise e composição da gramática clássica, nem em seu esquema de substituição limitada a palavras sinônimos envolvidas em uma representação. Na era clássica, o comentário e a interpretação deram lugar à crítica, mas, nas artes cômicas, temos não uma predominância da crítica a sua própria estrutura e linguagem, mas uma interpretação social e política do cenário que se desenrolava na vida cotidiana, possibilitando a veiculação de toda uma pragmática própria. Tanto nos impressos

ilustrados do período medievo quanto nas artes cômicas da era clássica, temos a exposição de significados ocultos que demandavam uma decifração.

A crítica presente na linguagem da era clássica interroga a linguagem como se ela fosse uma "pura função" e conjunto de signos, mas ambiguamente não consegue deixar de considerar o "modo de presença" do que se diz, sua verdade ou mentira, opacidade ou transparência. Nas artes cômicas da época, contudo, o conjunto de signos envolvia uma multiplicidade não prevista em conjuntos estruturados de palavras, deixando de lado a necessidade de se manter um modo exato de apresentação, e sim de uma caricatura, simulacro com ares grotescos (como vemos em Jacques Callot (1592-1635) (Figura 2)), que antes da escola inglesa (Hogarth, Rowlandson (1756 -1827)) prevaleceu. O conteúdo, contudo, tinha uma preocupação com uma tentativa de se atingir uma verdade e transparência do que se diz, uma preocupação ética, com os aspectos visuais indicando fatos e personagens cotidianos através de distorções caricaturais, mesmo em outros de origem inglesa, como Gillray (1757 – 1815) e Cruikshank (1792 – 1878), onde se salientava o ridículo (Figura 3). Assim, as artes cômicas, com uma segunda linguagem por cima da outra, ou melhor, apenas um efeito, do texto ou da imagem, no limite que se dá na extensão de uma sobre a outra, em certa medida se assemelha ao que se deu com a literatura no século XIX, com uma ênfase na interpretação e no comentário.

Figura 2- Jacques Callot - Gobbi

Figura 3- A voluptuary under the horrors of digestion - James Gillray.

Nas artes cômicas da era clássica, um conteúdo crítico vem associado a sua expressão, mas sem uma preocupação com o modo pelo qual se diz, diferente do papel representacional assumido pela linguagem da era clássica que tenta assumir toda diversidade possível da linguagem na representação. A linguagem que começa a ser delineada nas artes cômicas permite a apresentação de toda multiplicidade possível através de desenho e texto, sem que seja necessário estipular de antemão todas as combinações possíveis de seu vocabulário, sem a imposição de uma ordem reflexiva, gramática e retórica. Em termos artísticos, aquele que mais se aproxima desta proposta (não condizente com a proposta das artes cômicas da época) é William Hogarth no século XVIII com o seu "Análise da beleza" (1753). As imagens que acompanham "Análise da beleza" mostram referências a áreas e estilos diversos, e também a transformação progressiva de certos motivos e formas, como objetos, matizes de cor, degradês, traços e a evolução de uma representação figurativa clássica da face até sua versão caricata (Figura 4). Contudo, os temas retratados se afastam de um caráter essencialista.

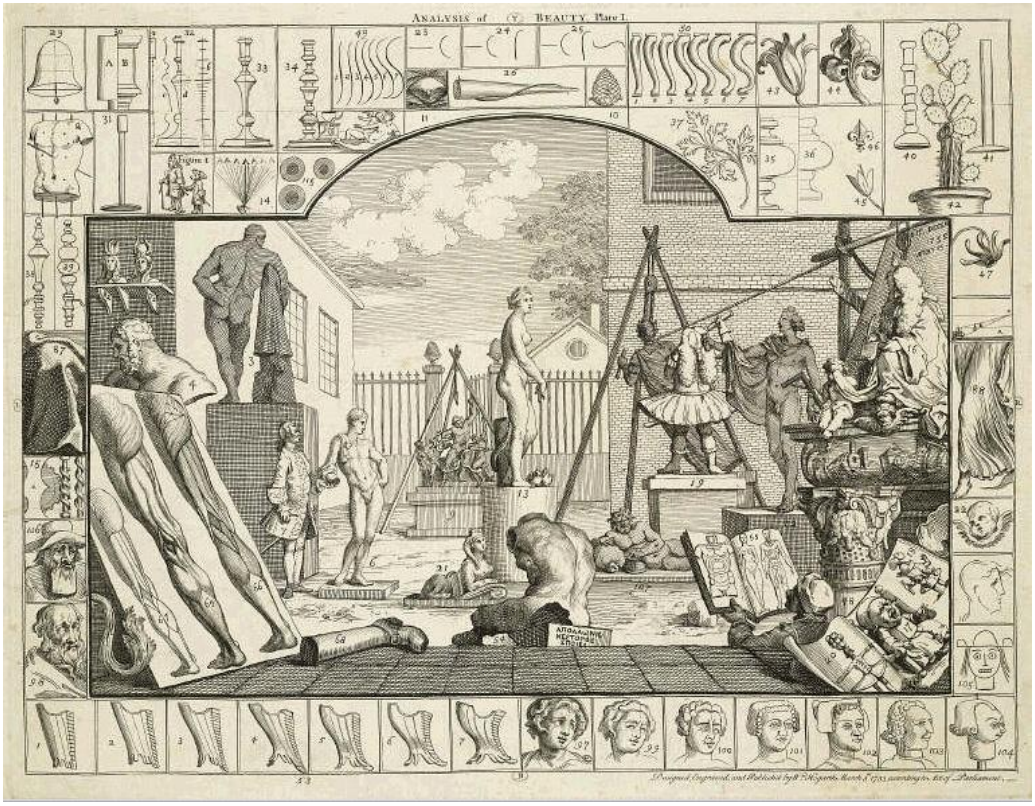

Figura 4- The analysis of beauty- William Hogarth

A ordem reflexiva indica a relação da gramática com uma tentativa de universalizá-la, considerando a possibilidade de língua ou discurso universal, mostrando uma prática comum a alguns teóricos que estudam os quadrinhos atualmente, como Groensteen. Esta língua teria o poder de atribuir a cada representação (e a cada elemento que a compõe) um signo marcado de modo único. Mostra também como estes elementos da representação são compostos e como são ligados uns aos outros, mostrando todas as ordens possíveis. "Ao mesmo tempo, característica e combinatória" (Foucault, Ibid, pp.116-117). Este objetivo de estruturação máxima do mundo se faz sentir de forma concreta nas enciclopédias, uma tentativa de recolher entre as palavras a totalidade do mundo.

Nesta estruturação, conhecimento e linguagem estão imbricados, tendo a representação como origem e princípio de funcionamento, se apoiando e se criticando mutuamente em um mesmo movimento. Envolvem uma linguagem que analisa a "simultaneidade da representação, em distinguir-lhe os elementos, em estabelecer as relações que os combinam, as sucessões possíveis segundo as quais podemos desenvolvê-los"; e ao mesmo tempo um conhecimento que aparece com toda clareza. Uma ordem analítica estrita (Ibid, pp.120-121). A dependência entre saber e linguagem será desfeita com a literatura no século XIX, quando o saber volta a ser fechado e a linguagem passa a ser tratada de forma pura (sua essência e função) e enigmática. E entre saber e linguagem se desenvolvem linguagens intermediarias e derivadas.

A estruturação que se enfatiza com a linguagem da era clássica também passa pelo formato da cópula e da proposição, objeto essencial da gramática e primazia formal do juízo, com seu sujeito, atributo e ligação, tendo esta ligação (verbo – uma palavra entre palavras) como condição para o discurso e o discurso como indicação para o pensamento clássico de que existe linguagem.

A análise das palavras continua no século XIX através da filologia, porém com a literatura que emerge na mesma época, temos a ideia de que,

> (...) destruindo as palavras, não são nem ruídos nem puros elementos arbitrários que se reencontram, mas outras palavras que, pulverizadas por sua vez, liberam outras — essa ideia é ao mesmo tempo o negativo de toda a ciência moderna das línguas e o mito no qual transcrevemos os mais obscuros poderes da linguagem, e os mais reais (Foucault, 1966, p.145).

Deleuze & Guattari (1980, pp.12-13) mostram uma pulverização de palavras,

na situação sugerida por Lewis Carrol, na qual o professor lança uma questão do alto da escadaria, que é transmitida pelos valetes que a deformam a cada degrau, ao passo que o aluno, embaixo, no pátio, envia uma resposta, ela mesma deformada, a cada etapa da subida.

Contudo, a representação distorcida através das imagens das artes cômicas não é uma prática que prevalece de uma forma geral em outras artes, discursos e textos.

Enquanto a linguagem estiver presa à representação (palavra ou marcas), as linguagens segundas estarão presas às alternativas entre crítica e comentário, "proliferando-se ao infinito na sua indecisão" (Foucault, 1966, p.112).

A dificuldade de se estabelecer uma relação entre gramática da era clássica e as artes cômicas da época parece indicar a tarefa de tentar organizar o que poderia ser uma gramática destas artes cômicas como secundária (e inútil).

3.Conclusão

Para as artes cômicas da era clássica, temos uma articulação que permite uma expressão própria que não está ligada necessariamente a modelos linguísticos e da gramática, mas decorre dos corpos relacionados e de toda a pragmática advinda de influências culturais, tecnológicas e de suporte que estão sempre em devir.

Uma determinação histórica das práticas epistemológicas já se mostra problemática nas ilustrações humorísticas anteriores aos quadrinhos, considerando as distinções entre as práticas realizadas nestas ilustrações e na linguagem da era clássica, pois estas ilustrações, apesar de trazerem aspectos que ecoam na linguagem da era clássica, são pautadas pelo grotesco, sátira e deboche. Em termos de imagem (imagem que neste caso é soberana), as artes cômicas possibilitam um desdobramento de significado que não está previsto de uma forma estrita em um dicionário e não existe uma ordem correta para a apresentação dos elementos, como se dá na gramática em relação à linguagem textual, pois se trata de uma grande imagem "aberta", de forma semelhante ao que ocorreu em *Yellow Kid*.

Esta estrutura mais aberta pode ser articulada em uma série de efeitos, junto ao grotesco, a sátira e o deboche que serviram não apenas como autocrítica a sua própria linguagem, mas como crítica social e política. Além disso, as artes cômicas da era clássica, ao mesmo tempo em que traziam um caráter exotérico (pela utilização de

imagens em alguns casos realistas ou com um significado óbvio), se atinham também a um caráter hermético (pelas simbologias e alegorias utilizadas), pautando-se assim pela diversidade, cabendo inclusive uma separação onde uma linguagem mais próxima àquela da era clássica poderia ser pensada apenas tardiamente a partir de Hogarth, porém, mesmo neste artista, temos uma crítica para além de uma autocrítica à própria linguagem. As primeiras artes cômicas da era clássica, por sua vez, já se aproximam da linguagem que emerge com a literatura (e sua narrativa própria pautada por outras linguagens em sua superfície), pela desconexão promovida através da estética grotesca e alegorias.

REFERÊNCIAS

Deleuze, Gilles. Guattari, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia** vol.2. São Paulo: Editora 34, 1995 (1980).
Foucault, Michel. **As palavras e as coisas,** São Paulo: Martins Fontes, 1999 (1966).
Hogarth, William. **The Analysis of Beauty.** London: John Reeves, 1753.